

O ESTIGMA ALEMÃO NO PÓS-GUERRA

Herson César de Araújo Oliveira*

"A primeira vítima de uma guerra é a verdade. Os fatos passam a ser contados do ponto de vista do vencedor. O tratamento dado pelos aliados à Alemanha não foi justo e tudo se tornou muito difícil."
(Martin Drewes. 1918 - .Major. ZG76, NJG3 e NJG1. 235 missões de combate, 52 vitórias (43 à noite, 50 quadrimotores). Prisioneiro de Guerra. Com o fim da Guerra veio para o Brasil, se naturalizou, em 1949 onde mora até hoje em Santa Catarina/RS.)

A historiografia tem passado por reformulações e questionamentos nessas últimas décadas, em um processo de rupturas e adequações. Tais questionamentos levam a discussões à respeito da inexistência de uma “verdade na história”. E venho através desse artigo “desmistificar” “verdades históricas” acerca da Segunda Grande Guerra Mundial. A imagem maniqueísta que foi moldada ao longo dos anos, tendo os aliados como o “bem”, os libertadores da Europa do domínio “maligno” da Alemanha nazista. Tenho, por objetivo deste, combater tal imagem impregnada em muitos livros que abordam a história da Segunda Guerra e o III Reich, colocando os mesmos pesos e medidas nas atitudes (ou talvez atrocidades) cometidas tanto pelo eixo, especificamente os alemães, quanto pelos aliados.

As (in)verdades acerca da Segunda Guerra Mundial

Como imaginar o que se passava na cabeça de um soldado aliado, ao desembarcar na praia de Omaha, na Normandia, em 6 de junho de 1944? Provavelmente estaria pensando na sua vida, na sua família, mulher, filhos, pais e como enfrentaria ao desembarcar, as *MG42* e os *Flaks 88* em sua direção. E o que se passaria na cabeça de um soldado alemão? Que vê de longe o inimigo em escala gigantesca avançar cada vez mais ao seu encontro. Imagino que o desespero seja mútuo. Ao depararmos com obras cinematográficas como “O resgate do soldado Ryan” (SPIELBERG, 1998), temos sempre a sensação que os alemães merecem toda aquela situação de horror e desespero. Em certa cena soldados aliados incineram alemães dentro de uma casamata, e aquilo é mostrado com tal naturalidade depois do feroz combate na praia, sendo aquela situação como uma espécie de “momento sublime” dos “heróis” aliados. Já do lado oposto, temos Hein Severloh, carinhosamente conhecido como a “besta de

* Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Omaha”. Ele é considerado o soldado alemão que matou e feriu o maior número de soldados inimigos em um só dia, em toda a Segunda Guerra Mundial. Quatro mil cento e oitenta e quatro soldados aliados sucumbiram ao se depararem com sua fortificação, a *WN62* na famosa e temida *Atlantikwall* (muralha do Atlântico). Passou aproximadamente nove horas na sua casamata disparando contra GIs que desembarcavam na sua frente, enquanto os corpos caíam e flutuavam em sua direção numa maré avermelhada do sangue aliado. Severloh contava apenas com 20 anos na época, foi supervisionado pessoalmente por Rommel e fez heroicamente o que todo cidadão naquela situação poderia ter feito, defendeu o próprio país. Ele seria um herói de guerra se fosse britânico ou americano.

A imagem ruim dos combatentes alemães sempre permeia a mente das pessoas ao ter acesso a livros, documentários e filmes a respeito da Segunda Guerra, principalmente aos que relacionam campos de concentração. De forma errônea e por falta de informação as mesmas generalizam todos os fatos acerca das atrocidades de guerra. Muitas vezes colocam no mesmo “saco” soldados das *Wehrmacht* (forças armadas) com organizações criminosas como as *Schutzstaffel* (temidas “SS”). Não sabem diferenciar o herói de guerra alemão, que lutou na batalha de Berlim (a exemplo da *Volkssturm*, divisão composta por crianças e idosos que causou baixas humilhantes ao exército vermelho, defenderam seu país até o último momento) dos criminosos de guerra como os soldados das *Einsatzgruppen*, carrascos de *Auschwitz* que também eram encarregados para limpeza étnica no leste. Como afirmei no início, a imagem maniqueísta sempre permanece diante dos fatos. Esquecem os crimes de guerra cometidos pelos aliados. Como o bombardeio criminoso de Dresden, cidade de refugiados de guerra devido ao avanço do exército vermelho, sucumbiu aos ataques de bombas incendiárias feitas magnésio, fósforo e napalm. O ataque ficou conhecido, entre os habitantes, como “tempestade de fogo”. Falemos também dos crimes cometidos pelos soldados britânicos, que em diversos momentos na frente Oeste na França, vestiam-se com roupa de civis para combater soldados alemães, o que era terminantemente proibido pelas convenções de Genebra. Não esqueçamos dos soviéticos que, junto com os alemães violentaram a Polônia em duas frentes de guerra, dividiram seu território. Sem falar de crimes como execuções em praça pública de oficiais alemães em Kiev, milhares foram enforcados num verdadeiro “espetáculo” público. Os estupros cometidos pelos soldados do exército vermelho em todos os territórios que ocupavam, principalmente após a rendição da Alemanha na batalha de Berlim. Mulheres, crianças e idosos sentiram na pele a fúria desses soldados. Mas não só foram os civis alemães que sofreram abusos do exército soviético, a exemplo disso temos o relato de uma judia húngara, Veronika Schwartz, sobrevivente do campo de concentração em *Auschwitz* na

Polônia. Ela relata em seu depoimento para o MIGS (Montreal Institute for Genocide and Human Rights Studies - Holocaust Survivors Memoirs) das dificuldades que passou durante sua estadia em *Auschwitz* e os abusos dos carrascos alemães para com os prisioneiros daquele lugar. Mas o interessante é que, Veronika Schwartz não só relata os abusos dos soldados da *Einsatzgruppen*, como também os abusos cometidos pelo exército soviético, diante dos judeus libertos dos campos de concentração e ainda o tratamento brutal dado aos civis poloneses. Ela conta que após a retirada alemã da Polônia os soldados do exército vermelho invadem as casas de muitos civis e os fuzilam sem motivos aparentes, mulheres judias e polonesas são estupradas por esses soldados. Como a própria Veronika Schwartz relata em algumas partes do seu depoimento.

“Passados alguns minutos, soldados russos entraram na casa. O pai ou avô estava sentado com todas as suas condecorações militares em seu uniforme. Um soldado russo fuzilou-o imediatamente. Ficamos com medo. Não sabíamos o que aconteceria a nós. Uma das mulheres veio a mim, implorando para salvar a sua filha, dizendo que um soldado russo a tinha levado para um quarto e que a mataria. Pensando como nos tinham tratado bem, corri para o quarto. Ainda era muito ingênua, não percebia que estava estuprando-a. Comecei a explicar que essas pessoas nos tinham dado comida. Ia pegar sua arma. Minha prima correu para o quarto, me agarrou, deu um tapa na minha cara, e puxou-me para fora. Ela estava tremendo. Perguntou-me: “você não sabe a razão porque ele levou a garota para aquele quarto?” Naquele momento, eu não sabia. Estava tentando salvar uma vida, mas estava em estado de choque. Se não fosse por Magda, teria sido morta.”

“Uma tarde encontramos uma jovem garota, também uma sobrevivente. Vinha de uma família muito religiosa. Disse-me como era grata por ter sobrevivido e que quando fosse para casa, esperava achar sua família. Bem, isso não aconteceu. Um soldado russo bêbado a estuprou durante a noite. Na manhã seguinte a garota estava morta, tinha sangrado até a morte. O soldado ainda estava ao lado dela, bêbado.”

A forma violenta com que judeus e poloneses foram tratados não foi realmente exclusividade das SS alemães.

Não poderíamos esquecer de um dos crimes de guerra mais famosos daquele contexto, nas manhãs 6 e 9 de agosto de 1945, mais precisamente a data dos bombardeios das cidades de Hiroshima e Nagasaki. Enola Gay sobrevoa no dia 6 de agosto a cidade de Hiroshima e larga a primeira arma nuclear conhecida pelo mundo, a *Little Boy*, três dias depois é detonada a *Fat Man* na cidade de Nagasaki. O mundo assiste assombrado ao poderio de destruição da nova arma inventada pelos americanos, a bomba atômica. Cerca de 220 mil habitantes morreram de imediato, sem contar nas vítimas posteriores devido exposição à radiação.

Estima-se que 90% dos mortos eram civis, uma vez que o Japão já havia sido vencido no campo de batalha e seria uma questão de tempo até a rendição incondicional.

Mais tarde, com o término da guerra, os aliados começam a pensar numa forma de punir os alemães pelos supostos crimes de guerra, ocorridos durante os 5 anos de confronto contra os aliados. No entanto, Stalin, propõe a execução sumaria de milhares de oficiais alemães sem julgamento. Churchill busca o apoio do presidente Roosevelt, e em desacordo com Stalin, propõe não mais que a execução de 50 oficiais SS como forma de punição. Chegando a um senso comum, os aliados montam um tribunal para julgar os alemães envolvidos em crimes de guerra, tribunal esse conhecido como *Nürnberger Prozesse* (Julgamento de Nuremberg). Vários supostos criminosos de guerra foram julgados e condenados durante esses processos, as penas variavam entre a reclusão em prisões aliadas e o enforcamento. Muitos promotores aliados se empenharam em tornar esse julgamento em um verdadeiro espetáculo circense. Tomo como exemplo disso o caso de Martin Bormann, que foi acusado (apesar de ser considerado morto na época do julgamento) de “perseguir” religião e de muitos outros crimes. O advogado de Bormann enfatiza em sua defesa que, muitos países (como a União Soviética, por exemplo) se declaram ateus e que ordens proibindo sacerdotes de ocupar altos cargos partidários (isto é, cargos no NSDAP - Partido Nazista) não podiam ser chamadas de "perseguição". O Partido é visto como criminoso, como uma conspiração. Seria crime excluir determinadas pessoas da participação em uma conspiração criminosa? Ou seja, promotores aliados gastam boa parte do seu tempo trabalhando com acusações sem nenhum fundamento. Um momento interessante desse julgamento é quando herr Göring é indagado sobre as leis raciais contra os judeus na Alemanha, pelo então promotor americano *Mr. Robert Jackson*. Göring responde de forma irônica que, da mesma forma que os americanos segregavam os negros com suas leis (que proibiam o voto dos negros e o casamento com brancos) eles não teriam direito de julgá-los acerca de tais leis de cunho racial. Será que o pensamento de Hitler (2005, p.30) em *Mein Kampf* se enquadraria no pensamento de muitos americanos daquele contexto com suas leis raciais? “Tudo o que, no mundo, não é raça boa é joio”.

Não venho aqui tomar parte da defesa de criminosos de guerra, com certeza atos de capangas de Hitler como Himmler deveriam ser punidos. Homens como Hermann Göring, Rudolf Hoess (o famoso comandante de Auschwitz, um homem “frio e durão” na concepção do psiquiatra do exército americano Leon Goldensohn), Hans Frank (*Protektor* da Polônia), Ribbentrop, Bach-Zelewski, Kaltenbrunner entre outros vinte e um principais criminosos nazistas. Mas venho aqui enfatizar que, os aliados também deveriam sentar no banco dos réus.

Os bombardeios criminosos de Dresden não foram julgados, em nenhum momento o marechal britânico sir Arthur Harris sentou diante dos promotores para explicar seus bombardeios em relação a Dresden. Nem os americanos responderam pelas duas bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki. Muito menos os soviéticos com suas execuções criminosas de oficiais do exército alemão e das SS. Sem falar do acordo *Ribbentrop-Molotov* em que, soviéticos e alemães dividiriam a Polônia.

O que venho tentar mostrar nesse artigo é que, crimes de guerra foram cometidos nos dois lados. Não venho por meio deste tentar amenizar ou justificar as atitudes dos alemães. Pelo contrário, venho aqui expor as atrocidades cometidas não só pelos alemães como também pelos aliados. Que as pessoas analisem os fatos e vejam que existe uma história dos vencidos e dos vencedores. Devemos analisar quem escreveu, os interesses, para quem determinado autor escreveu, a carga cultural com que esse mesmo autor escreve. Como para Certeau, a produção do historiador, deveria ser considerada “(...) como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, um ofício, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” de que trata, e essa realidade pode ser compreendida “como atividade humana”, “como prática”. Nessa perspectiva, (...) a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita.” (CERTEAU, 1982). O que proponho é uma análise crítica maior acerca dos fatos e que deixemos de lado essas “verdades na história” proposta por muitos autores.

Bibliografia utilizada:

AMBROSE, Stephen E. **O dia D: 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BARNETT, Correlli (org). **Os generais de Hitler**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1991.

CHURCHILL, Winston S. **Memórias da segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1995.

DE CERTEAU, Michel. **A operação historiográfica**. IN: A escrita da história. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

GOLDENSOHN, Leon. **As entrevistas de Nuremberg**: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. São Paulo.: Centauro, 2005

MACDONALD, Sally. The Seattle Times. **Hiroshima Memories -- In A Flash, Their World Was Lost, And The War In The Pacific Was Won**. Seattle. Disponível em: <<http://archives.seattletimes.nwsourc.com/>>. Acesso em 20 set. 2007.

SCHWARTZ, Veronika. Concordia University Chair in Canadian Jewish Studies. **A Survivor's Memoir**. Montreal. Disponível em: <<http://migs.concordia.ca/memoirs/vschwartz/vschwartz.html>> . Acesso em 20 set. 2007.

BRYCE, Ian; GORDON, Mark; LEVINSOHN, Gary; SPIELBERG, Steven. **O resgate do soldado Ryan**. [Filme-vídeo]. Produção de Ian Bryce, Mark Gordon, Gary Levinsohn e direção de Steven Spielberg. EUA, DreamWorks Distribution L.L.C./Paramount Pictures/UIP, 1998. DVD, 168 min. color.